

## **APRESENTAÇÃO**

### **RELAÇÕES LITERÁRIAS INTERAMERICANAS**

A presença da América no imaginário europeu, além de antiga, é bastante conhecida. No entanto, é importante considerar que a consolidação das novas nações americanas introduziu a necessidade de pensar outros tipos de relação, inclusive aquele que rejeita a mediação do imaginário europeu. Falar de relações literárias interamericanas, neste início de milênio, implica problemas de variada ordem. Essas relações já não se restringem aos clássicos binômios como "centro" e "periferia", "modelo" e "cópia", entre outros. Impõem a tarefa de rever tais paradigmas. Denominações operatórias como América latina, América hispânica, América lusa, Ibero-América, Indo-América, América saxônica, América do Sul, América do Norte, Caribe, Estados Unidos, Canadá, Brasil, e tantas mais, devem ser reavaliadas continuamente, para além das antigas categorias geográficas, culturais ou nacionais. A *Revista de Letras* propõe-se a avaliar a pertinência ou a necessidade desse novo espaço, contando com a contribuição de artigos sobre textos, autores e problemas que discutem traços significativos das relações literárias interamericanas.

Tais relações e as discussões em torno delas, principalmente aquelas que tratavam, ou em certa medida ainda tratam, do tema da identidade cultural nos vários pontos do continente, não são recentes, tendo existido praticamente ao longo de toda a sua história. Nas últimas décadas, no entanto, no bojo dos chamados Estudos Culturais essa questão ganhou novas abordagens, manifestando-se de modo mais sistemático e coeso em publicações variadas, encontros acadêmicos e científicos e pesquisas de diversas índoles, principalmente em âmbitos interdisciplinares.

No texto de Eurídice Figueiredo, que abre a presente coletânea, temos uma visão panorâmica desses estudos. A partir da resenha do livro *Conceitos de literatura e cultura*, por ela organizado, que recolhe resultados do GT da ANPOLL "Relações literárias interamericanas", a autora aborda o trânsito e as transformações de alguns conceitos fundamentais do comparativismo interamericano, bem como sua trajetória ao longo das últimas décadas. Desse modo, conceitos em trânsito, como antropofagia, entre-lugar, multiculturalismo, pluriculturalismo, literatura migrante, identidade cultural, identidade nacional, indigenismo, negrismo, criouliização, realismo mágico, neo-barroco, mestiçagem, transculturação ou hibridismo, denotam os entrecruzamentos culturais, literários e lingüísticos derivados das várias diásporas, encontros e desencontros, em mão-dupla, que vem ocorrendo entre as várias regiões americanas; ou dessas regiões com outros continentes, como África e Ásia; e, sobretudo, com as várias culturas européias, fornecedoras de diversas matrizes culturais sobre as quais se assentam as culturas americanas.

Nessas relações, como pontualiza Eurídice Figueiredo, é preciso ter cuidado especial ao usar determinado conceito ou teoria, surgido em outros espaços de enunciação, e refazer seu percurso, "a fim de não homogeneizá-lo, eliminando as nuances que constituem a riqueza e a produtividade que ele tinha em seu surgimento".

Um desses conceitos é a transculturação, termo cunhado inicialmente no âmbito da sociologia pelo cubano Fernando Ortiz, em 1940, para discutir o fenômeno da mestiçagem cultural em seu país. A partir de então, esse conceito extrapola suas fronteiras originais e, por analogia, passa a ser usado em praticamente todo o continente. Ingressa nos estudos literários pela mão do crítico uruguaio Ángel Rama, consolidando-se em sua já clássica obra *Transculturación narrativa en América Latina*, publicada em 1982.

O artigo de Roseli Barros Cunha demonstra que, para chegar à sua forma definitiva (e esse "definitivo" deve-se, sobretudo, à morte prematura do crítico uruguaio em 1983), Ángel Rama utilizou, além das idéias de Ortiz dos anos trinta, de conceitos de Darcy Ribeiro, com quem teve contato desde

o período em que o antropólogo brasileiro esteve exilado no Uruguai em 1964. E se a transculturação de Ortiz referia-se estritamente à cultura cubana, após assimilar conceitos de vários pensadores latino-americanos, entre os quais o também brasileiro Antonio Candido, uma das aplicações mais interessantes do conceito de transculturação de Ángel Rama é a leitura que faz da obra literária do peruano José Maria Arguedas, que focaliza o particular universo andino.

Um tema recorrente nas literaturas latino-americanas que, sem dúvida, pode ser ampliado para outros âmbitos, é a questão do exílio. E se, em seu desterro em Montevideu, Darcy Ribeiro contribuiu com idéias antropológicas ao crítico literário Ángel Rama, este escreveu boa parte de sua obra também no exílio, em várias latitudes. O exílio é o tema do artigo de Solange C. N. Munhoz: as experiências de escritores argentinos e brasileiros vividas no exílio imposto pelas últimas ditaduras nesses países vizinhos. A partir de uma série de fragmentos de textos variados (literários, depoimentos pessoais ou estudos acadêmicos), pois também as fronteiras de gêneros são cada vez mais permeáveis, a autora tenta penetrar nas fissuras coletivas produzidas pelo exílio, principalmente aquele advindo da expulsão causada pela violência da perseguição política das tão mentadas ditaduras latino-americanas. Nesse contexto, brasileiros e argentinos têm experiências similares.

O deslocamento da terra natal, que produz uma literatura migrante, também joga por terra as certezas de conceitos tão arraigados e fundamentais no século XIX, como são a identidade nacional ou identidade cultural, agora vistas como construtos culturais passíveis de mudança de acordo com a variação do ponto de vista. Partindo do conceito de diáspora, neste caso diáspora transnacional, Thomas Bonnici discute os problemas pós-coloniais que envolvem lar e identidade a partir de dois romances associados ao Caribe anglófono. Com a leitura de *Small Island* (2004), de Andréa Levy e *A State of Independence* (1986), de Caryl Philips, o autor trata da diáspora da Jamaica para a Grã-Bretanha, no período do pós-guerra.

O conceito de diáspora, normalmente utilizado em contextos específicos, associa-se, neste caso, a outros

conceitos como transculturação, racismo, fronteira e comunidade multicultural, no âmbito da globalização que produz grandes deslocamentos humanos, agora na contramão dos tradicionais, na direção norte-sul, ou seja, da periferia para o centro. Habitantes do Caribe, por exemplo, se dirigem à Inglaterra, transformada em um lugar imaginário; uma espécie de utopia antípoda daquela que moveu, durante vários séculos, grandes massas de europeus em direção às zonas paradisíacas da América.

A busca de uma identidade possível, também através de uma narrativa de deslocamento, é o móbil do ensaio de Maura Xavier Garcia, no qual analisa *Songdogs* (1995), do americano de origem irlandesa Colum McCann. O protagonista do romance em questão move-se em direção de uma identidade multicultural e, através de deslocamentos espaciais amplos, não apenas americanos (México, Estados Unidos, Irlanda), procura construir um diálogo entre elementos culturais irlandeses, mexicanos e norte-americanos, incluindo a sólida base indígena (o título refere-se à cosmogonia dos navajo).

Alertando contra o perigo de "homogeneizar artificialmente a realidade latino-americana" e utilizando os conceitos de transculturação, antropofagia e hibridismo, Elaine Barros Indrusiak procura demonstrar em seu texto que os Estudos Literários e os Estudos de Tradução têm mantido, em nosso país, um diálogo pouco promissor. Após traçar um amplo panorama sobre a trajetória desses estudos nas últimas décadas, a autora aponta para uma série de possibilidades de pesquisa pouco exploradas, que poderia atuar na discussão das cambiantes identidades latino-americanas. A conclusão indica que entender e aceitar a tradução como natural, inevitável (e possível), num mundo plurilingual e pluricultural, é uma forma de compreender a condição de culturas transplantadas que pesa sobre os latino-americanos. E isso não implica nem em dívida, nem em resignação, mas em uma sabedoria que pode levar a uma grande capacidade de adaptação a esse mundo globalizado (e pós-colonial) em que vivemos.

Joelma Rodrigues, em seu texto, propõe uma leitura dos livros *A obscena Senhora D* (1982), narrativa, e *Do desejo* (1992), poesia, da escritora brasileira Hilda Hilst, há pouco falecida. Valendo-se da metáfora da espiral e usando uma

peculiar linguagem que faz lembrar seu objeto de estudo, a autora estrutura sua leitura num possível contraponto com elementos culturais e literários latino-americanos.

Os textos de Helen Oakley e de Thiago Alves Valente, numa linha mais tradicional, realizam aproximações entre os universos literários brasileiro e norte-americano. O primeiro propõe, a partir das categorias tempo e espaço, uma leitura comparada de momentos literários de dois escritores igualmente oriundos de regiões rurais de seus países, que são William Faulkner e Autran Dourado. Tanto no romance *Ópera dos mortos* (1967) do mineiro Autran Dourado, quanto nos contos "Elly" e "The Brooch", do sulista Faulkner, aparece retratado um mundo em crise, através da visão das protagonistas confinadas pela tradição familiar.

O texto de Thiago Alves Valente, por sua vez, aborda a discussão das principais facetas da sociedade norte-americana presentes em *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato, livro destinado ao público infanto-juvenil publicado em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial. Apesar de admirar vários aspectos daquela sociedade, o polêmico escritor brasileiro não poupa críticas nas opiniões que coloca na boca dos personagens do célebre Sítio do Pica-pau Amarelo, obra que ajudou a formar várias gerações de brasileiros.

Finalmente, o ensaio de Alfredo Cordiviola analisa as relações que a *Instrucción* (1570) do Inca Titu Cusi, texto marcado por importantes aporias, apresenta entre oralidade e escrita, e o modo peculiar com que se apropria das características de gêneros coloniais como a epístola, a petição e a crônica histórica. Strictu sensu poderia parecer que o texto não trata diretamente de relações literárias interamericanas, já que faz a leitura de uma crônica colonial peruana. No entanto, a presente leitura da crônica do Inca Titu Cusi Yupanqui, texto híbrido produzido originalmente em forma oral em quíchua e traduzido ao castelhano escrito pelo próprio dominador, reflete as relações entre os indígenas e as autoridades coloniais espanholas e contribui para entender e/ou recuperar a voz dos excêntricos nos primórdios da colonização da América.

Citando Mignolo (2003), Eurídice Figueiredo afirma que as teorias viajam. Transitam. E ao chegarem a diferentes

lugares acabam por se transformar, mormente quando, no caso de nossas Américas, ainda pulsa o legado cultural colonial, principalmente na memória das elites. Entre unidade e diversidade, pureza e mistura, as mescladas culturas americanas estão sempre em modificação como num imenso caleidoscópio. Os diferentes pontos de vista acabam por transmutá-las a cada movimento novo. A presente coletânea de ensaios tenta realizar o irrealizável: captar imagens fugazes que ao serem fixadas já apresentam uma faceta diferente nesse universo cambiante que são as relações literárias e culturais interamericanas.

Antônio Roberto Esteves  
UNESP/ Assis